Resíduo e memória: as políticas públicas para resíduos sólidos urbanos em Porto Alegre, Brasil, e a construção de territorialidades, 1975-2010.

Esther Mayara Zamboni Rossi¹

Uma das experiências mais significativas de gestão dos resíduos sólidos urbanos do Brasil está na cidade de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul. Esta possui desde 1989 políticas públicas que instituíram a coleta seletiva, uma das primeiras do país. Este Sistema de Gerenciamento e Tratamento Integrado de Resíduos Sólidos Urbanos é inovador na medida em que incluiu a participação de cooperativas de reciclagem e desenvolve mecanismos de decisão participativos na cidade. Na maioria das vezes, quando se fala em Porto Alegre, remete-se a paisagem do Lago Guaíba, suas ruas e parques arborizados e ao *landscape* de prédios apinhados. A cidade é marcada pelo regime hidrográfico da Bacia do Rio Gravataí, principalmente o Lago Guaíba e seus 70 Km de orla fluvial composta por 16 ilhas. Seu território é composto 65% por planícies, quase ao nível do mar, ocupadas em grande parte pela urbanização.² Entender e levar em consideração que estas paisagens são transformadas ao longo do tempo é imprescindível para compreender estas características não apenas como cenários passivos, mas partícipes dos processos históricos. Para acompanhar os caminhos e processos sociológicos dos resíduos é preciso levar em conta os aspectos biofísicos nos quais eles estão inseridos. Sendo assim, o objetivo deste artigo não é apenas descrever as políticas públicas em relação aos resíduos sólidos, mas entender os lugares de lixo na malha urbana ao longo do tempo e as relações que constituem as diversas territorialidades neste metabolismo. Para isso destaco três datas que marcam as grandes transformações nas políticas públicas. Quais sejam: 1975, onde as cooperativas ganham força no período de redemocratização brasileiro e o Departamento de Limpeza Urbana de Porto Alegre é criado; 1989 ano da implementação da coleta seletiva de Porto Alegre e 2010 ano de aprovação do Plano Nacional de Resíduos Sólidos. Aliada a História Ambiental, utilizo a metodologia da Spatial History para tornar visíveis estes lugares. Esta metodologia tem o seu

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), estherzrossi@gmail.com

² FUJIMOTO, Nina Simone V. Moura. Implicações Ambientais na Área Metropolitana de Porto Alegre-RS: um estudo geográfico com ênfase na Geomorfologia Urbana. **GEOUSP: Espaço e Tempo (Online)**, n. 12, p. 141-177, 2002.

foco conceitual no espaço, através de ferramentas de georreferenciamento, concilia-se temporalidades e espacialidades proporcionando a visualização de novos questionamentos sobre as camadas de dados.³ As fontes utilizadas fazem parte do acervo do Arquivo Histórico De Porto Alegre Moysés Vellinho e do acervo do Departamento Municipal de Limpeza Urbana. Tais como: registros de depósitos de resíduos ao longo das décadas em Porto Alegre catalogados em iconografia, depoimentos, reportagens e relatórios. Os lugares em que os resíduos são persistentes em Porto Alegre podem ser entendidos como articuladores de tempo e espaço.⁴ O conceito de lugar é aqui entendido como espaço onde empenha-se cuidado e experiencia-se as diferentes narrativas do urbano. Não no sentido de propriedade privada, mas onde constitui-se a territorialidade. Nos lugares em que o lixo acumula-se de forma clandestina, lixões, aterros sanitários e nos bairros em que os trabalhadores e trabalhadoras sobrevivem dos resíduos encontram-se territorialidades específicas do metabolismo urbano. Através da análise sobre a cidade de Porto Alegre podemos entender que os resíduos são memórias dessas experiências e das transformações nas paisagens urbanas.

Palavras-chave: História Ambiental Urbana; Resíduos Sólidos; Territorialidades.

³ WHITE, Richard. What is spatial history. **Spatial History Lab: Working paper** [online] <http://www.stanford.edu/group/spatialhistory/cgi-bin/site/pub.php>, 2010.

⁴ CABRERA, Lydia. **A Mata**. Notas sobre as Religiões, a magia, as superstições e o folclore dos negros Criollos e o povo de Cuba. EDUSP 2012,p.23-32.